

Karina Sainz Borgo

Três Contos Venezuelanos



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com

Karina Sainz Borgo

Três Contos Venezuelanos

Karina Sainz Borgo

Contontos venezuelanos

Tradução: Clara Allain

Contos publicados no Jornal Folha de São Paulo em 2019
Pinturas digitais da artista venezuelana Maria Valentina Fraiz



Tesouras

Chegaram a Cúcuta ao meio-dia. Estavam todas esfomeadas, exceto a avó, que se deitou no assento com os olhos cravados no teto da caminhonete. Quando as viagens começaram, a velha Herminia deixou de comer por medo de que sua filha e sua neta a abandonassem num atalho da fronteira. Ela convertera a fome numa forma de ficar a salvo.

No começo elas atravessavam só uma vez por mês. Agora o faziam todas as semanas. Saíam antes do raiar do dia. Voltavam no comecinho da noite, às vezes com três tomates pequenos ou um pacote de espaguete que lhes durava, quando muito, dois dias. Ferviam o espaguete na água com sal e o comiam no café da manhã, no almoço e no jantar. Tanto fazia o que conseguissem --para Herminia, cada viagem lhe doía os ossos.

"Já dissemos, mamãe: fique em casa. Mas a senhora nem dá bola."

"Ahã", bufou a velha, ruminando seus medos como se mascasse fumo.

"A senhora é teimosa como uma mula", repetiu Koralia, revirando o fundo do bolso.

Depois de muito insistir, sua filha conseguiu uma bala velha e um pacotinho de lenços descartáveis, nada mais. As últimas mexericas elas tinham comido antes de chegar a Capacho Viejo.

"O que você quer, que eu fique sozinha em casa?", resmungou Herminia. "No dia que eu menos imaginar vocês não voltam e me

deixam largada."

"Mamãe, faça o favor de não falar bobagem."

"Como vamos deixar a senhora largada, vovó?", interveio Milagros, sua neta, acalentando nos braços uma criatura-granada que explodia em choro inesperadamente até arrebentar os tímpanos da família inteira.

Herminia suportava aquelas expedições com estoicismo. Era andina até a medula. Tinha o ar reservado dos planaltos andinos, as pernas tortas para fora, os cabelos presos num coque discreto. Quem a tivesse visto alguns anos antes não a teria reconhecido. Havia perdido tanto peso que seu rosto se convertera num balão furado, a versão mirrada daquela que um dia segurara as rédeas de sua vida e da vida dos que a cercavam.

Ela não lembrava em nada a mulher rechonchuda cujos filhos a chamavam de cara de arepa. De tantas que assou no forno, Herminia acabou parecida com aqueles pãezinhos de trigo que vendia num mercadinho ao qual um grupo de militares tocou fogo numa blitz contra estudantes. Ninguém assumiu a responsabilidade pela destruição. A partir desse momento, os anos caíram sobre Herminia como uma avalanche, até sepultá-la por completo.

Não era uma mulher doce, e se alguma vez o havia sido, já não se recordava. Ria pouco e conservava o aspecto rochoso e severo conferido pelos vestidos de permalina, como se em lugar de roupa trajasse uma cortina. Seu marido Antonio morrera dez anos antes. Uma madrugada seu caminhão de mercadorias descarrilou numa curva da rodovia transandina e se espatifou contra as pedras de um precipício. Herminia nunca ficou de luto, se bem que qualquer pessoa diria que ela já nascera com cara de viúva. A velha não tivera uma vida fácil, mas não se queixava. Nem sua mãe nem sua avó o tinham feito --por que ela faria?

"Vovó, fique com a menina enquanto minha mãe e eu vamos resolver um assunto", lhe disse sua neta, muito descarada.

"Espere por nós aqui, ouviu?"

"Sim, minha filha, ouvi."

Herminia bufou e pegou a criança no colo. Não lhe agradava muito cuidar da nenê, mas aprendera a usá-la como seguro de vida: ter a bebê a protegia. Estava convencida de que apenas assim elas voltariam para buscá-la. Havia ouvido isso tantas vezes. Antes de sair do país, as famílias abandonavam os velhos. Os abandonavam à própria sorte, com uma coberta e uma garrafinha d'água, na porta de um hospital. Assim morriam os idosos do outro lado da fronteira: amedrontados e perguntando quando seus filhos voltariam para buscá-los.

A velha olhou para o céu, implorando que um raio fizesse

desaparecer o parque Santander, nessa hora cheio de pombas e arrastadores, que era como chamavam na fronteira os homens e mulheres que se dedicavam ao escambo ou praticamente arrastavam um potencial cliente, puxando-o pela manga. Aqueles sujeitos compartilhavam com as pombas uma aparência decadente e pulguenta. E assim como elas pegavam do chão as bitucas de cigarro --já que não havia pão para alimentá-las--, os arrastadores disputavam a tapas os pobres coitados dispostos a trocar até seus dentes por alguns pesos.

Koralia e Milagros desapareceram rua abaixo. Levaram dez minutos para chegar ao salão de beleza Los Guerreros. Era um lugar imundo, decorado com recortes de revistas de moda dos anos 1980: cabelos penteados, pálpebras roxas, coletes com estampas de bactérias e vestidos fora de moda. Do lado de fora um grupo de pessoas fazia fila para entrar. Não iam para se pentear --estavam ali para vender seus cabelos.

"Por seu cabelo lhe damos 60 mil pesos, pelo de sua mãe um pouco menos", lhes disse uma mulher quando finalmente chegou a vez delas.

"Mas eu também tenho cabelo comprido", retrucou Koralia.

"Não tem o mesmo brilho, e para fabricar nossas perucas usamos cabelo de primeira qualidade."

Koralia abaixou os olhos enquanto a cabeleireira segurava uma mecha de seus cabelos entre o polegar e dedo indicador.

"Está seco, faltando vitaminas. Parece quebrado", insistiu a mulher.

"Tudo bem", disse Koralia. "Vai querer ou não?"

"Se cortarmos tudo, serão 20 mil pesos."

"Só 20 mil pesos?"

"Estou lhe fazendo um bom preço."

"Mamãe, não se aflija", interrompeu Milagros. "Se juntarmos isso com meus 60 mil pesos, teremos 80. Não é mau negócio."

"Não é mau, é péssimo, filha."

"Escute aqui, dona, se a senhora quiser, pense e volte mais tarde. Não posso passar o dia todo aqui esperando a senhora se decidir."

"Se ela não quiser, eu quero", adiantou-se Milagros, para não perder a viagem.

"Vista isto daqui" --a mulher lhe estendeu uma capa preta-- e me espere ali naquela cadeira. Vou chamar uma cabeleireira."

"Tem certeza de que você quer cortar o cabelo, filha?", disse Koralia em voz baixa.

"É só cabelo, mamãe. E com isso não se paga o mercado."

Sua mãe olhou para ela como se a esperasse do outro lado de um túnel comprido. Prendeu o cabelo num rabo de cavalo e foi procurar a mulher que avaliara seu cabelo. Retornou logo depois com uma capa preta salpicada de manchas de tinta e sentou-se ao lado de sua filha.

Ainda havia 12 pessoas à frente delas.

Mais que um salão de cabeleireiros, aquilo parecia um barracão: sem espelhos nem pias para lavar o cabelo e com apenas uma fileira de cadeiras de plástico onde as mulheres se acomodavam para deixar-se tosquiar. As cabeleireiras não eram cabeleireiras. Cortavam, nada mais. Elas chegavam com um pente. Primeiro esticavam as mechas e depois metiam a tesoura. Cortavam o mais próximo do crânio possível, para não desperdiçar um fio que fosse.

Quando finalmente chegou sua vez, mãe e filha já haviam decorado o som das tesouras em contato com os cabelos. Um estalo, um tapa, uma extração. Arrancar coisas delas mesmas para vendê-las a quem se dispusesse a pagar. Elas tiveram vontade de sair correndo ou de chorar. Não fizeram nenhuma das duas coisas. Esperaram.

A velha Herminia estava nervosa. Eram quase 6 da tarde, e o sol começava a se esconder, medroso, no entardecer de uma cidade de fronteira. De tanto chorar a menina se rendera ao cansaço. É o que faz a fome: quando a pessoa se acostuma a ela, anestesia qualquer pulsão. Onde havia ido parar aquilo que parecia duradouro, perguntou-se Herminia entre revoadas de pombos imundos.

Koralia e Milagros apareceram. Herminia as reconheceu pela roupa. De longe, pareciam magras e murchas, adiantadas numa velhice que ainda não lhes correspondia. Herminia tirou os óculos e os limpou com o vestido para vê-las melhor. Koralia estava sem cabelo nenhum, enquanto Milagros conservara uma penugem de frangote. Em vez de estarem voltando do mercado, pareciam estar retornando de uma guerra. Seguravam nas mãos dois pacotes de macarrão que colocaram na mochila sem dizer palavra.

"Pegue as coisas, mamãe, que o último caminhão para Rubio vai sair em 15 minutos."

Chegaram em casa depois da meia-noite. Puseram três copos de água para esquentar em uma panela grande na qual esvaziaram um quarto de quilo de macarrão. Depois de colocar a bebê para dormir, as três se sentaram à mesa. A velha Herminia apenas tomou um copinho de água amidoada que colheu da pia. Suas filhas separavam os fios de macarrão com um garfo. Não os tiravam do lugar, os penteavam, como quem arranca seus cabelos servidos em um prato de peltre.

"Vá dormir, mamãe. Amanhã cedo vamos voltar a Cúcuta", lhe disse Koralia.

"Para quê?"

Herminia mal terminara de pronunciar a frase quando sentiu o olhar de sua filha cravado sobre o coque hirsuto preso em sua nuca.



Escadas

Avancei pelos corredores da clínica Sagrario com a boca feito um revólver: quente e carregada, procurando em quem atirar. Clara Baltasar não comparecia a seu trabalho na prefeitura havia três semanas. Foi o que me disseram os guardas quando fui procurá-la. Três mulheres a haviam surpreendido a duas quadras do edifício municipal, arrastaram-na para dentro de um 4x4 com vidros fumê e lhe deram chutes e socos. Deixaram-na na porta de casa como um lixo ensanguentado, como se fosse uma mensagem. Da próxima vez você não volta viva. Era o que significava aquele gesto. A compaixão como outra forma de crueldade. Não matá-la, para prolongar a agonia.

"Crime comum. Mas ninguém viu nada, ninguém ouviu nada", disse um vigilante da prefeitura, um homem de bigodinho delineado que falava com os lábios pequeninos, apertados como um ânus, essa careta de falsa discrição que as pessoas levavam no rosto. A cicatriz da vergonha e do medo.

Foi difícil localizar Clara Baltasar. Uma enfermeira que parecia não ter dormido havia semanas me recebeu com um maço de folhas escurecidas na mão.

"Quem a senhora está procurando?"

"Clara Baltasar."

"Hmmm." Ela revirou os papéis por uns instantes. "Está na UTI. A senhora é da família?"

"Não."

"Então não pode subir."

"Mas ela... como está?"

"Não posso dar essa informação."

"Ela está mal?"

"Está viva", disse a enfermeira, antes de desaparecer no corredor de ladrilhos imundos.

Longas filas de pessoas enchiam as escadas. Pessoas quebradas e sem gesto. Homens, mulheres e crianças que esperavam sua vez na antessala do além. Todos pareciam magros, castigados pela fome dos dias, paralisados em algo semelhante à fúria dos que já não se recordam de ter vivido melhor.

Havia três grupos. Os que esperavam para pedir para ser colocados na lista de espera dos atendimentos ambulatoriais; os que esperavam para pedir uma cirurgia maior, e aqueles que, já tendo sido aceitos para ser atendidos, cumpriam sua vigília em silêncio até que alguém os atendesse ou os conduzisse a algum lugar distante do corredor cheio de pessoas acampadas ali havia semanas.

O ambiente, um pouco pior do que a clínica onde minha mãe morreu, estava carregado de babas e secreções, um cheiro flatulento de pessoas em putrefação. De quando em quando passava um enfermeiro com uma pasta cheia de folhas e lia em voz alta: Amador

Rodríguez; Carmen Pérez; Amor Pernalete...

Algumas pessoas levantavam a mão e erguiam a cabeça, outras se punham em pé para exigir uma explicação do porquê de estarem chamando estes e não aqueles. Os derrotados eram os piores. Apagados deles mesmos, como eletrodomésticos avariados. Um, dois, três, quatro, cinco dias, seis, sete, oito, nove, dez. Pegue seu número. Volte amanhã. Agora não, amanhã. Usando aventais listrados de tecido azul, os enfermeiros mandavam as pessoas voltar a seus lugares e esperar. Vir de tão longe para morrer esperando.

"Nos prometeram que as coisas iriam mais rápido", disse uma mulher à sua filha.

Prometeram. Que nunca mais ninguém ia roubar, que tudo seria para o povo, que cada um teria a casa de seus sonhos, que nada de ruim voltaria a acontecer. Cansaram de prometer. As súplicas não atendidas se desfizeram no calor do ressentimento que as alimentava. Nada do que acontecia era responsabilidade dos Filhos da Revolução. Se as padarias estavam vazias, o culpado era o padeiro. Se faltavam medicamentos na farmácia, até a mais elementar caixinha de anticoncepcionais, o farmacêutico era o responsável. Se chegávamos em casa exaustos e esfomeados, com dois ovos num saquinho, a culpa era de quem naquele dia tinha conseguido o ovo que nos faltava. A fome desencadeou a longa lista de ódios e medos. Nós nos descobríamos desejando o mal ao inocente e ao carrasco. Éramos incapazes de distinguir entre eles.

Começou a crescer dentro de nós uma energia desorganizada e perigosa. E com ela a vontade de linchar o opressor, de cuspir no militar contrabandista que revendia os alimentos regulados no mercado negro ou no espertinho que pretendia nos roubar um litro de leite nas longas filas que se formavam diante das portas de todos os supermercados nas segundas-feiras. Coisas funestas nos deixavam felizes: a morte repentina de algum figurão afogado sem explicação no rio mais caudaloso do planalto central, a explosão em pedacinhos de algum promotor corrupto quando uma bomba escondida sob o assento de seu 4x4 de luxo fazia contato depois de ele virar a chave no contato. Esquecemos a compaixão, porque queríamos colher os espólios do que tinha dado errado.

Nos rostos daqueles homens e mulheres se desenhava um gesto que comecei a reconhecer no meu quando me olhava no espelho: uma fenda no meio dos olhos. Os dias se pareciam mais com a administração de uma guerra que com a gestão da vida: algodão, gases, medicamentos, leitos sujos, bisturis cegos, papel higiênico. Comer ou curar-se, nada mais. A pessoa seguinte na fila era sempre um potencial adversário, alguém que possuía mais. Os que viviam disputavam as sobras com unhas e dentes. Brigávamos inclusive por

um lugar onde morrer.

Subi andando até o sétimo andar. Como na clínica onde minha mãe morreu, aqui tampouco os elevadores estavam funcionando. Em cada andar do edifício encontrei moribundos e feridos, crianças com buracos na testa ou idosos com pressão alta. Amontoavam-se uns e outros, esmagados pela desgraça.

Na sala de espera da UTI havia duas moças. Tinham minha idade, mas pareciam velhas à força.

Descansavam sobre uma fileira de cadeiras de plástico azul. Carregavam cobertores, comidas envoltas em papel-alumínio e sacolas com lençóis dobrados. Como acontecera comigo algumas semanas antes, elas tinham erguido seu próprio hospital de campanha, a guerra sem tanques de quem acode para acompanhar a morte dos seus. Andei até a mais jovem. A outra dormia com a cabeça apoiada sobre seu ombro. Calculei que deviam ser irmãs.

"Você é a filha de Clara Baltasar?"

"Quem é a senhora? O que quer?"

"Meu nome é Adelaida Falcón."

"Mmmmm..."

"Sua mãe me ajudou a juntar dinheiro para pagar o tratamento da minha. Fui procurá-la na prefeitura. Me disseram que ela estava aqui."

"Não sei do que a senhora está falando."

"Só quero agradecer a ela."

"Vá embora." Ela se levantou, despertando a outra.

"O que aconteceu, Leda? Quem é esta?", perguntou sua irmã, esfregando as remelas dos olhos.

"Me chamo Adelaida Falcón. A mãe de vocês, Clara Baltasar, me ajudou a juntar dinheiro para pagar o tratamento da minha", repeti.

"Vá embora, por favor. Não conhecemos essa senhora. Não sabemos de quem a senhora está falando."

"Só vim para dizer a Clara que minha mãe morreu. Eu trouxe isto." Estendi duas caixinhas de antibióticos.

Elas se entreolharam sem dizer nada. Deixei os antibióticos na única cadeira vazia. Dei meia-volta e me afastei.

Clara Baltasar, a assistente social que tanto ajudava a um moribundo como conseguia comida para uma família, estava morta ou prestes a morrer de uma surra que os comandos revolucionários lhe deram para servir de lição exemplar. Deixei para ela os medicamentos que minha mãe morreu antes de usar.

Desci os sete andares da mesma forma que os subi, a pé.



Algo vai acontecer

Minha esposa se levanta às 5h para preparar as arepas. Um quilo de farinha de milho dá para duas: uma no café da manhã e outra no almoço, até completar o mês. Quando minha sogra não vivia conosco, a comida durava mais tempo. Não era muita, mas rendia.

Enquanto isso, checo a água nos canos. Quase nunca há água. Por isso pego a que guardamos em baldes e esquento um pouco para Clara e Nora, nossas filhas. Elas custam a se acostumar a usar a água fria; eu, não. É preciso fazer tudo rápido. A escola fica a cinco quilômetros, e falta gasolina há semanas. Como não passam mais vans por aqui, vamos a pé.

Trabalho na universidade há 15 anos. Quando consegui a vaga de técnico de laboratório, pensei em completar algum curso, aprender a preparar reagentes. Poderia até chegar a supervisionar os projetos dos professores titulares. Agora só o que faço é cuidar de salas vazias. Antes de entrar, passo os olhos pelas janelas. Dificilmente se passa uma noite sem roubos. Às vezes roubam papel, algum telefone, um cabo, uma lâmpada, qualquer coisa que chame a atenção. Também verifico se há água.

Se está tudo em ordem, ligo o único computador do departamento, que guardamos debaixo de uma lajota frouxa de uma das antigas salas de Cultivos. Quando a internet funciona, checo o email e arquivo as petições. Um ano atrás demorava o dia inteiro para responder a tudo,

mas hoje chegam cada vez menos emails. Os estudantes se foram, e os que ficaram quase não pedem coisas: um certificado de estudos ou um documento que possam carimbar para procurar trabalho fora. Ir embora, é disso que todos falam, minha esposa também. Ir embora? Para onde? E para quê? Então ela se vira na cama e faz silêncio no meio da noite. Olho para o teto, esperando algo acontecer.

Quando a conexão com a internet não era tão lenta, eu me sentava no laboratório para navegar no Google Earth. Faz dias que a banda larga não está funcionando, por isso me acomodo diante da tela do computador até dar 16h, quando minha jornada termina. É um tédio ficar esperando diante de um monitor apagado. É como passar o dia se olhando no espelho. Preencher o tempo, esperando que alguma coisa aconteça. Tento cumprir meu horário até o final, mas nem sempre consigo. Saio mais cedo para pegar o único ônibus que sai da universidade.

Já é noite quando chego em casa. As meninas estão fazendo o dever de casa. Só tenho tempo de beijá-las. Saio correndo com os dois baldes, um em cada mão, para que tenhamos água no dia seguinte. Tomo meu lugar na fila dos vizinhos. A cada dia que passa sai menos água da torneira, e a espera fica mais longa. Esperamos, juntos, que algo chegue. A água, a luz, o dinheiro. Alguém atrás de mim rumina uma queixa. Eu olho para o céu e faço silêncio, para que não me ouçam. Tudo isto vai passar, repito.

Dias atrás vi Herminia, a única vizinha com quem converso. Estava careca, a velha. Suas filhas a levaram à fronteira para vender seu cabelo. Deram 60 mil pesos a uma e 40 mil à outra. O cabelo preso no coque de Herminia não deu para muita coisa, e, se bem que compraram um pouco mais de farinha, tampouco durou. Herminia sente medo, eu também. Do quê?, lhe pergunto. Que fechem a porta e a deixem sozinha. Que a luz se apague e elas não voltem mais. O que está dizendo, minha senhora!, eu a repreendo. Mas estou mentindo. Como ela, sou mordido pelo medo... de que não aconteça nada.

Se minha mãe estivesse viva, eu não cortaria seu cabelo por dinheiro. Olho para a cabeça mal raspada da velha e lhe cedo meu lugar na fila, para poupá-la do constrangimento de andar pelo bairro tosada. Quando ela vai embora, eu também desligo, olhando para meus sapatos. Sempre espero, mesmo que ouça tiros.

Se minha vez demora demais para chegar, parto à procura de um cano quebrado. Uma vez cheguei até a rodovia. Voltei para casa com os baldes cheios de uma água parda e suspeita. Esquentando-a, ficará boa, repito a mim mesmo. Por isso me concentro em encher os baldes. A água, Juan, a água. As meninas não podem ir à escola sujas.

Minha esposa, que trabalha num mercado controlado pelo Estado, consegue comida. Demora, mas ela encontra. Por isso chega em casa

cada dia mais tarde e mais velha. Se ela tem sorte e consegue alguma coisa, preparamos o que conseguiu trazer e o guardamos para o café do dia seguinte. Enquanto ela cozinha, e se há luz, reviso o dever das meninas. Elas não fazem muita lição, mas ao menos sabem somar.

"Uma arepa menos outra arepa. Quantas arepas me restaram?", pergunto a elas.

"Zero, mata zero!", elas repetem, uma corrigindo a outra.

"Uma, nenhuma!"

"Metade para cada uma!"

"Uma para a avó, que come pouco!"

De tanto contar, aprenderam os decimais beliscando aqueles pãezinhos sem sal nem manteiga, que acompanham com um copo de água.

De algumas semanas para cá a luz elétrica anda faltando, por isso vamos para a cama antes da hora, se bem que dormir, propriamente dito, não dormimos muito.

Às vezes, no escuro, penso na água do dia seguinte, no dente de trás quebrado, nas janelas arrebentadas.

Penso nas mesmas coisas em que penso de dia, mas à noite. Também conto os disparos para me distrair.

Noventa e um. Noventa e dois. Noventa e três. Noventa e quatro. Noventa e cinco. Noventa e seis. Noventa e sete. Noventa e oito. Me imagino aparecendo na janela para que deem um tiro em mim também.

Noventa e nove. Porque todos vão embora ou já foram.

Então volto a pensar na água, e aquilo passa. Amanhã o Google Earth vai funcionar, com certeza. Eu sei: alguma coisa vai acontecer, finalmente.



Sobre a Autora

Radicada em Madri, Karina Sainz Borgo é autora de "Noite em Caracas" (ed. Intrínseca) e virá ao Brasil em julho, como convidada da Flip.

A escritora se mudou para a Espanha em 2006. "Meu país não me reconhecia nem eu o reconhecia", contou à Folha, por email.

Jornalista, diz que sua experiência na profissão afeta sua ficção "muito profundamente". "Mas nem meu romance é uma reportagem nem meus contos são crônicas. Se eu quisesse informar faria uma série de reportagens. Queria emocionar, por isso escrevi um romance."

O livro não foi publicado na Venezuela nem comentado pelo governo. "Duvido que muitos funcionários do regime passem no teste de leitura compreensiva", diz.

Ela escreveu, a pedido da Folha, estes três contos sobre a crise na Venezuela: "Tesouras", "Escadas" e "Algo vai acontecer".